



# LIBERDADE

INFORMATIVO do CÍRCULO de ESTUDOS LIBERTÁRIOS IDEAL PERES - CELIP/RJ  
www.celip.cjb.net # CAIXA POSTAL 14.576 - CEP 22412-970 - Rio/RJ - BRASIL # e-mail: celip@bol.com.br  
Reuniões do CELIP todas às terças, às 18:30 h, no IFCS/UFRJ, Lgo. de São Francisco, 1 - Centro - Rio/RJ  
Biblioteca Social Fábio Luz, sábados de 9:00h às 17:00h, Rua Torres Homem, 790 - Vila Isabel

## INSUFICIÊNCIA DAS RUAS

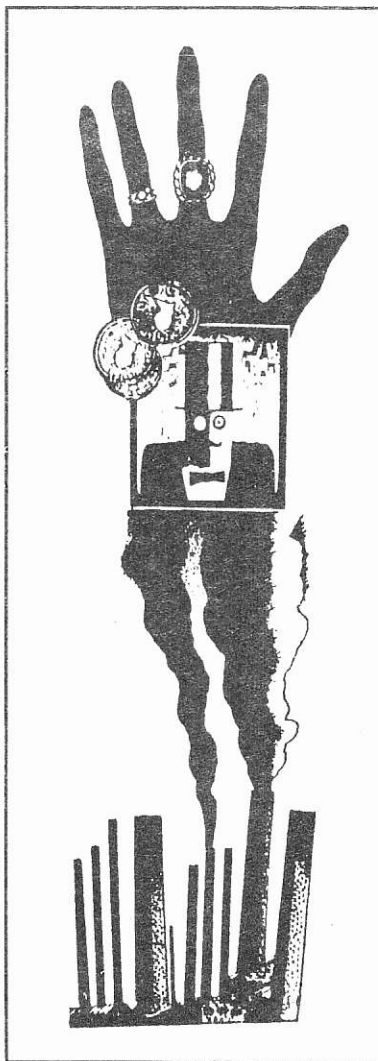
As tradições revolucionárias sempre contaram, para sua fixação na memória social, com imagens de eventos, insurreições e levantes de rua. Dispomos desses fragmentos de lembranças, suturados pelas propostas políticas, para a formação de uma identidade ou "etnia ideológica" onde cabem não apenas os fenômenos mais visíveis mas também as propostas mais conseqüentes.

Após o Maio de 68 e, em especial, com o desmonte do espetáculo circense-inquisitorial de triste memória na antiga URSS, no início dos anos 90, as esquerdas caíram em uma aparente letargia. A estes fatos sobrepôs-se, além de uma transitória farsa urdida por um nipo-americano anunciando o fim da história, uma esfera intelectual que convencionou-se chamar de pós-moderna.

O prefixo de tal rótulo identitário, sugeria a superação de uma realidade "moderna" e sua substituição por uma nova fase de relativismo revestido de presságios de liberdade radical e cidadania global. Tal encaminhamento lógico não tardou em revelar duas faces bastante familiares ao mundo que acabava de ser exumado por força dos "novos tempos".

Se por um lado, o pós-moderno, na sua acepção mais virulentamente liberal, jogava as necessidades das pessoas para o arbítrio do mercado e deliberava uma relação global baseada na ética do lucro e das lógicas competitivas do mundo dos negócios; por outro, uma vertente de "esquerda", ancorada em valores éticos diametralmente opostos aos liberais, buscava, também no relativismo, um modelo explicativo para a "nova" realidade.

Nessa última vertente de pensamento, influenciada também pelo espírito de seu tempo, podemos encontrar uma variada gama de teorias que, em maior ou menor intensidade, nutriram-se do patrimônio político erigido pelos anarquistas nas décadas anteriores ao fenômeno pós-moderno. Um grande amálgama uniu, ao menos em tática, situacionistas, pós-estruturalistas e libertários profundamente desconfiados de agremiações partidárias. A bandeira do anti-autoritarismo, tão coerentemente empunhada pelos bakuninistas, durante a Primeira Internacional, pareceu fornecer um ponto de con-



senso mínimo aos insubmissos "náufragos da modernidade".

Partindo da premissa que a pós-modernidade, em seu estrito senso, é má conselheira da revolução, faz-se necessária uma profunda discussão em torno dos problemas contemporâneos que afetam o anarquismo. Os anarquistas carecem de fóruns de exaustiva discussão teórica para amparar suas atitudes públicas e deliberações privadas.

As manifestações de rua, com seu *tópus* de referência em Seattle, deram ao anarquismo uma visibilidade incomum nos últimos tempos. As vagas de jovens trajando uniformes negros e as emblemáticas bandeiras vermelhas e pretas não deixam dúvidas da participação significativa do pensamento libertário nas manifestações antiglobalização.

Entretanto, a despeito de louváveis tentativas em sentido contrário, a mídia burguesa tem sido muito mais bem sucedida em contar essa história recente do anarquismo mundial do que os próprios atores participantes das manifestações. Estimulados pelas imagens e apelos sensacionalistas dos meios de comunicação em geral, muitos jovens engrossam as passeatas motivados mais pela adrenalina, na busca inconsciente de um "ritual de passagem", do que por uma atitude refletida. Dessa forma, como em um fenômeno de retroalimentação, boa parte dos ativistas que ingressam em uma manifestação, na verdade são recrutados pela mídia burguesa e não pelo espírito libertário que deveria determinar o movimento.

Tal situação, caso não seja encarada com seriedade e muita reflexão, pode transformar um movimento vigoroso em uma peça publicitária, com fôlego e prazo de validade determinado. O abandono de uma atitude conseqüente em favor de um hedonismo mais pragmático servirá à proposição de novos comportamentos e estéticas, não a uma sociedade realmente diferente. O crescimento numérico das manifestações só será acompanhado de

seu correspondente qualitativo com muito trabalho e organização. Caso contrário estaremos reforçando o estereótipo, disseminado principalmente pelos marxistas, do anarquismo como coisa vaga e intuitiva.

**"Um guerreiro não é derrotado quando morre na luta, mas quando desiste!"**

*Kaká Werá Jecupé (povo Txucarramãe)*

AS BOCAS

# ASPECTOS BÁSICOS DA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA

A organização política dos anarquistas é uma tentativa histórica, uma necessidade de nossa ideologia e também um mecanismo para acumularmos trabalho militante e aí termos a chance de contribuir para um processo de luta e transformação social. Assim como os sindicatos livres eram a casa do trabalhador, a organização anarquista tem de ser o espaço de nossa militância. Através dela, como meio de implementar a ideologia na realidade, os anarquistas têm as condições de interferir na história e talvez, dependendo da intensidade da luta, ameaçar em sério este sistema.

Mas, construir esta organização tantas vezes falada, não é tarefa fácil. Talvez seu funcionamento, uma vez começado, seja simples. Neste primeiro momento, são necessárias mudanças na atuação militante e também na discussão coletiva, o que geralmente, acarreta algumas dificuldades. A primeira atitude é começar a definir coletivamente - sem pressa mas sempre trabalhando com prazos marcados e respeitados - acordos para o trabalho interno. Isto implica, desenvolver e caracterizar algumas ferramentas da militância política, tais como:

- Conceitos básicos para trabalhar (luta, processo, classes, povo, ideologia, sistema, dominação ...)
- Critérios de funcionamento interno (em todos os níveis para todos os tipos de tarefas)
- Padrões para a militância, acentuando as características definidas pelo coletivo para cada militante (ex.: responsabilidade, organicidade, compromisso, autodisciplina, capacidade de formulação e convencimento, ética militante, combatividade, solidariedade, fraternidade, companheirismo...)
- Níveis para as participações (desde os militantes até os mais esporádicos simpatizantes)
- Capacitação do coletivo para funcionar como organização (melhorando e aprimorando os mecanismos e instâncias internas, respeitando os acordos, levando a política conjunta da organização para todas as frentes de luta, buscando a coesão organizada a partir da capacidade militante e da criatividade dos libertários...)
- Aprofundando a discussão ideológica, sabendo que teremos cada vez mais possibilidades de trabalho quanto mais acordos e discussões acumuladas tivermos.

Outro detalhe importante de lembrar, é de que todas as tarefas são de igual importância, e a designação de tarefas executivas não implica e não pode vir a implicar em nenhum privilégio. Uma organização anarquista é essencialmente igualitária, mas lembrando que igualdade significa compromisso e responsabilidade. O mesmo para as deliberações, mais participação será mais deliberação, quanto maior for o nível de compromisso, maior será a capacidade de autogestionar a luta - tanto a nível interno quanto externo.

A militância política anarquista significa aprimorar a inserção social a cada dia, e juntamente com isso, aprimorar a organização. É uma dialética simples: mais inserção social significa mais capacidade interna, melhor capacitação interna, é a garantia de podermos disputar com outros projetos políticos da esquerda reformista /autoritária, e assim aprofundarmos nossa penetração nas necessidades básicas da população.

Cada pequeno passo é de imensa importância, pois o anarquismo trabalha com a idéia de processo e construção popular

- paralelo à destruição da influência do sistema em nossas vidas; esta é a dialética da militância política libertária, lembrando que esse processo depende da vontade do ser humano e não de futuros gloriosos e inalcançáveis. A construção do processo revolucionário, neste primeiro momento passando pela construção do processo de resistência popular, é uma tarefa cotidiana de cada militante e do conjunto da organização anarquista. Tal processo, também necessita de um trajeto de construção interna, justamente onde estamos agora. Construindo a organização anarquista estaremos caminhando para outra vez estarmos a altura de nosso compromisso. Sempre tendo em mente, que somos a continuidade da luta social dos povos brasileiros e latino-americanos, somos a sequência dos esforços de inúmeros companheiros anarquistas - daqueles que caíram de pé, generosamente oferecendo suas vidas à nossa luta libertária.

Como tantas vezes já foi dito, por mais difícil que seja o caminho da construção revolucionária, é o único coerente e honesto com nossos princípios e com nossa história.

## Federação Anarquista Gaúcha (FAG)

(Boletim Interno da FAG - nº 0 - dezembro de 1995)

### Grupo de Estudos sobre Mulheres em Luta

Em outubro do ano passado algumas mulheres militantes da *Resistência Popular do Rio de Janeiro (RP/RJ)*, sentindo a necessidade de se aprofundar em questões específicas relacionadas à mulher, montaram o *Grupo de Estudos sobre Mulheres em Luta (GEML)*. O grupo se propunha a, através de seminários produzidos e apresentados pelas próprias militantes, discutir seu próprio posicionamento em relação à luta das mulheres e buscar referencial teórico a partir do estudo de mulheres, principalmente latino-americanas, que lutaram ao longo da história.

Desde o início estava claro que o grupo não era restrito a militantes da RP, mas a qualquer uma que tivesse proximidade com a proposta de desenvolvimento de trabalho social comunitário visando, através de outras formas de organização social, a construção do poder popular.

Depois de alguns seminários já apresentados, começou a se gestar a idéia de trabalhos concretos com mulheres pobres de favela, em sua maioria negras, mães, esposas, trabalhadoras; que além de serem exploradas e discriminadas, têm sua auto-estima cada vez mais manipulada pelos meios de comunicação da elite branca.

Chegou o primeiro 8 de março do grupo e foram promovidas algumas atividades, como um vídeo-debate em um centro comunitário, dois debates em um pré-vestibular comunitário e uma panfletagem, no próprio dia 8, inicialmente na concentração do ato convocado pela esquerda institucional e, logo em seguida, num dos locais de maior trânsito de pessoas no centro da cidade do Rio de Janeiro, a Central do Brasil.

Passados alguns pequenos problemas o grupo continua se reunindo, mantendo a dinâmica dos seminários e a vontade de conhecer as mulheres que lutaram ao longo da história para a partir dos exemplos de erros e acertos deixados por essas lutadoras, construir a luta de hoje.

Convidamos a todos que queiram saber um pouco mais do grupo e/ou queiram conhecer o material que já produzimos, a entrar em contato.

**Grupo de Estudos sobre Mulheres em Luta (GEML)**

[mulheresemluta@yahoo.com.br](mailto:mulheresemluta@yahoo.com.br)

Caixa Postal 44.203 CEP 22.062-970 Rio de Janeiro - RJ

**Assinatura anual de apoio (seis exemplares - R\$ 7,00);  
pacote de 10 *Liberas* (R\$ 3,00).**

**Depósitos: Bradesco - Ag. 0026-4 - c/c: 240.765-5 - a/c  
Renato Ramos. Envie comprovante de depósito para o  
CELIP (Aceitamos selos, dinheiro ou cheque nominal)**

**Tiragem: 2.000 exemplares.**

**Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião  
do Coletivo Editorial do CELIP.**

***Assine o Libera... Apoie a imprensa libertária!***

# Conversa com um Jesus Anarquista

Era uma vez um menino chamado Jesus. Mas, diferentemente de seu xará ilustre, não nasceu na Palestina mas na América Latina. Este menino Jesus desde cedo se destacou nos estudos, mas logo descobriu, como milhões de outras crianças nascidas abaixo da linha do equador que não bastava ser inteligente para aqueles que não pertenciam às castas dominantes. Em sua infância tinha como objetivo ser militar, um ícone por infelicidade recorrente em seu país de nascimento, a Bolívia, assim como em muitos outros rincões de nosso maltratado planeta. Um belo dia o menino Jesus, órfão de pai, teve um encontro decisivo com aquele que viria a ser seu pai adotivo e mentor: Alejandro Carrasco Jimenez, anarquista boliviano, figura humana de grande interesse para todos aqueles que se ligados à memória viva libertária (e que pretendemos enfocar em outra oportunidade). Sentado frente a mim em sua residência no Rio, este senhor de aparência bondosa, profissional bem sucedido na área da medicina, que é doutor Jesus Moreno, com seus setenta anos, me contou a história de sua vida, andanças e descobertas, que resumo a seguir (M. Lopes)

**Libera** – Jesus, quais são as suas origens?

Nasci em uma cidade do interior da Bolívia em 1932 e fiquei órfão de pai aos quatro anos. Meu pai trabalhava em uma lancha que transportava borracha para exportação em Guajará-Mirim, na fronteira do Brasil com a Bolívia e faleceu em consequência de uma infecção pulmonar. Em minha infância quis ser militar. Graças a um tio, que era cadete da aeronáutica, ainda criança fui em um avião militar boliviano para La Paz, onde fiquei em casa de outro tio, também militar. Ele me tratava como servente e escravo. Fugi de lá e conseguiram que fosse colocado em uma escola para órfãos. Ali eu e uma menina fomos contemplados com bolsas de estudos para uma escola experimental em Antofagasta, no norte do Chile, baseada nas idéias do educador inglês John Dewey. Esta mudança destruiu um preconceito muito grande em mim, já que como boliviano era educado para odiar o chileno, uma vez que o Chile havia se apossado militarmente da saída boliviana para o mar em 1879. No Chile eu estava em um país em que era bem tratado e no qual recebia instrução.

Na fronteira dos dois países, em pleno altiplano boliviano, um gendarme chileno disse que eu e minha colega não poderíamos prosseguir, por não termos documentos, mas apenas uma carta do diretor da escola boliviana para as autoridades. Um senhor que sentava atrás de nós, que depois soube ser um deportado político, foi que nos defendeu, dizendo que aquela situação não era nossa culpa, mas do diretor da escola e assim pudemos prosseguir.

**Libera** – Foi então que você conheceu o Alejandro Carrasco?

Quando nos matriculamos na escola, o diretor nos disse que iria chamar o cônsul da Bolívia e seu secretário em Antofagasta para serem nossos tutores (*apoderados*). No dia seguinte o cônsul e seu secretário que era Alejandro Carrasco Jimenez foram à escola. O cônsul escolheu ser tutor de minha colega e Alejandro o meu. No sábado seguinte, ao sair da escola, fui direto ao consulado da Bolívia onde, na parte de baixo, morava Alejandro com sua senhora, a Blanquita. Conversamos, almoçamos, Alejandro me deu um quarto para dormir e, no dia seguinte, ele me levou de volta para o colégio. Aí é que comecei a conhecer a personalidade de Alejandro, o material humano. Chamou-me a atenção o seu individualismo. Aos domingos ele me pegava para visitar todos os anarquistas de Antofagasta: o sapateiro, o alfaiate, o comerciante. Havia uma pequena comunidade de anarquistas naquela cidade, de 10 a 15 pessoas, não mais do que isto. Descobri que na casa de Alejandro havia um caixote de maçãs cheio de livros. Senti curiosidade e observei quais eram: havia o livro de Hitler, o *Mein Kampf* e obras de Bakunin, Malatesta, Tolstói, Proudhon e de vários outros autores anarquistas, socialistas e comunistas. Nesta época Alejandro me dizia que Stalin talvez tivesse alguma razão, porque se não existisse Stalin, talvez o capitalismo internacional tivesse destruído completamente a União Soviética. “No que ele não tem razão” – ele me dizia – “é sobre a ditadura do proletariado, que fez com que se perdesse completamente a liberdade, não havendo bases sólidas de sustentação do socialismo que se apoia apenas sobre o poder policial”.

**Libera** – E como eram os anarquistas de Antofagasta?

Para se ter uma idéia, um deles era um alfaiate chamado Alarcón, que era um individualista. Tinha sua casinha, seu baúzinho de madeira, sua máquina de costura, o seu gato e o seu fogão e era um

ótimo profissional. Alejandro tinha um sobrinho que estudava engenharia aeronáutica em Wichita, Estados Unidos e que, quando se formou, retornou a Antofagasta com duas casimiras inglesas para fazer ternos. Alejandro o levou até Alarcón. Uma semana depois fomos recolher a encomenda. Então Alarcón disse: “Don Alejandro, o seu sobrinho é um engenheiro, está voltando dos Estados Unidos, é um doutor e vai ter que pagar a quantia de dois mil pesos chilenos. Normalmente faço por mil, mas vou fazer por dois mil, porque quando atendo uma pessoa de posses cobro o dobro, porque um paga pelo outro”. Esta é a justiça feita por uma anarquista operário a partir de uma análise econômica.

Alejandro me disse que gostaria que eu me destacasse dos chilenos pelo estudo. Assim, a partir do segundo ano da escola comecei a ser o primeiro da turma. Ao mesmo tempo comecei a estudar individualmente Proudhon “a propriedade privada é um roubo”, este foi o primeiro livro que li, depois passei a Malatesta e a outros.

**Libera** – Quando você se formou e o que aconteceu então?

Aos dezoito ou dezenove anos terminei meus estudos na escola em Antofagasta e o diretor me chamou para dizer que, como eu havia obtido o primeiro lugar na formatura, queria evitar meu retorno à Bolívia. Então me sugeriu que fosse estudar para professor de ciências naturais na Escola Normal de Santiago. Depois que completei meu curso naquela instituição de ensino voltei à Bolívia. Em La Paz me apresentei ao Ministro da Educação Pública, que me nomeou diretor de uma escola indígena onde só se falava o quíchua e o aimara, dois dialetos indígenas. Pela impossibilidade de me comunicar com meus alunos regressei a La Paz, onde o ministro me nomeou para ensinar no Instituto Normal Superior. Nesta escola tentei aplicar um programa que havia trazido do Chile que compreendia a educação sexual para adolescentes o que fez com que os professores antigos movessem uma guerra tremenda contra mim. Resolvi então abandonar o serviço público e comecei a trabalhar como modelo anatômico para o sobrinho de Alejandro, que vendia os quadros para a escola de medicina, que passei a frequentar como ouvinte. Daí veio minha vontade de estudar medicina. Nesta ocasião encontrei em La Paz dois amigos que estudavam no Rio e que disseram que seria possível trabalhar para se sustentar aqui no Brasil.

**Libera** – A Bolívia, naquele momento, passou por transformações políticas e sociais, não é verdade?

Foi por essa época (1952) que participei da revolução do Movimento Nacionalista Revolucionário. Um general que queria ser presidente abriu os arsenais e o povo se armou, iniciando a primeira revolução em que o povo destruiu o exército. Ganhei um fuzil Mauser. Os mineiros decidiram o movimento ao trazer uma sonda (“bodoque”) que arremessava dinamite, que a Paz Estensoro, líder do MNR, voltou do exílio em Buenos Aires. O novo governo decretou a reforma agrária (a primeira da América Latina) que fracassou porque dividia os antigos latifúndios em minifúndios sem dar condições aos camponeses de explorar a terra. Assim, foram obrigados a vendê-las aos antigos proprietários, que as compraram por preços irrisórios.

**Libera** – Então os reformadores não obtiveram sucesso?

Os militares que eram contra o MNR retomaram o poder. Depois de uma invasão do palácio presidencial, o presidente Villaruel e os militares que o apoiavam foram enforcados em praça pública. O MNR voltou ao poder depois, mas já despedido das idéias de esquerda. Foi então que emigrei, vindo para o Brasil em avião da FAB, do Correio Aéreo. No Rio fiquei em casa de minha tia, casada com um almirante reformado da marinha brasileira. Mas o ambiente burguês da casa de meu tio, repleto de falso moralismo, não me agradava. Decidi, então, que deveria sair dali. Já estudava na faculdade de medicina da Praia Vermelha e dois colegas meus me arranjaram para trabalhar como acadêmico residente na Casa de Saúde Santa Lúcia, de Guilherme Romano. Ali combati a evasão de medicamentos e passei a fazer um trabalho de relações públicas indo pela manhã de quarto em quarto para saber de que os doentes precisavam. Romano gostou de meu trabalho e me convidou para morar na própria Casa de Saúde. Aí sim, comecei, nas palavras de um autor que é um de meus preferidos, José Ingenieros, a “levantar meu próprio peso”.

**Libera** – E como se desenvolveu a sua carreira médica?

Na Casa de Saúde passei também a ser o instrumentador dos 14

*Continua na página seguinte*

otorrinos que trabalhavam ali. Um dia fiz a instrumentação de uma cirurgia de ouvido para o brigadeiro Waldemir Salem, otorrino famoso na época, na pessoa de D. Letícia Lacerda, mulher do então governador Carlos Lacerda Logo em seguida Salem se reformou da Aeronáutica e me chamou para ser seu auxiliar na Santa Casa, onde tinha dez leitos à disposição. Comecei então a fazer concursos, depois que consegui o certificado do serviço militar em um quartel do Leblon cujo tenente médico que fazia os exames tinha sido meu colega de faculdade. Fiz diversos concursos na área médica, sendo aprovado em todos eles. Casei-me com minha professora de português. Mas durante todos estes anos deixei de ter contato com o anarquismo, que só acompanhava pelos livros. Durante este período estudei o anarquismo e também o marxismo, cujos aspectos econômicos, como o conceito de mais valia, me interessavam.

**Libera** – E você não voltou a encontrar o Alejandro ?

Um dia reencontrei um sobrinho dele, aquele do terno, aqui no Rio. Ele me informou que Alejandro estava residindo em Tucumán, cidade do norte da Argentina. Alejandro já havia morado ali quando fugira da Guerra do Chaco, entre a Bolívia e o Paraguai no início da década de 1930 e foi naquela ocasião que aperfeiçoou o seu anarquismo, em contato com dois companheiros, operários da construção civil. Então escrevi para ele dizendo que iria visitá-lo. No caminho passei por Buenos Aires onde alguém já havia me dito que havia um ponto de anarquistas espanhóis na editora Reconstruir, na *calle* Brasil. Fui até lá e comprei vários livros para dar de presente a Alejandro. O reencontro com Alejandro depois de tantos anos foi bastante emocionante e a partir daí passei a ter maior contato com o anarquismo, a adquirir livros mais atualizados sobre o assunto. Eu o visitei diversas vezes no decorrer dos anos. Em uma dessas ocasiões, em Buenos Aires, ele me apresentou a Diego Abad de Santillán que era um senhor alto e magro que devia andar já pelos seus 80 anos.

**Libera** – Jesus, por que o anarquismo ?

O que me levou a ser anarquista foram as tremendas contradições sociais que existem no mundo. Ao estudar economia política descobri as causas da exploração do homem pelo homem. Observei também a obsessão do povo pela religião, que engana a milhões e milhões, pregando uma coisa que não existe e ainda a manutenção de grandes exércitos com a finalidade da guerra, como descrito por Nicolai em seu livro *A Biologia da Guerra*. Assim, tornei-me um materialista científico, porque só acredito naquilo que vejo. Não tenho fé, acredito apenas no homem. É o homem que faz o seu destino. Para modificar esse material humano temos que acabar com a religião, o exército e todos os poderes, executivo, legislativo e judiciário. Você elege um sujeito e ele vira casaca. Todos os ideais que você delegou para ele representar não valem nada. A democracia não existe para mim.

**Libera** – E como você pensa o anarquismo daqui para a frente ?

Estou me familiarizando com o anarquismo contemporâneo por novas leituras que estou fazendo. Tenho impressão de que o anarquismo é uma utopia, mas creio que daqui há anos e anos devemos evoluir exclusivamente para ele. Não há outra saída, não há outro caminho, mas é muito necessário que a sociedade se reedue. Veja você que quando o papa visita um país milhões e milhões de pessoas vão vê-lo. No 7 de setembro grande quantidade de pessoas vai aplaudir os militares que desfilam. Não há justificativa para isso. Vai demorar muito para vir o anarquismo porque há muito preconceito. O poder não tem freios. Todos querem a riqueza custe o que custar. O deus do capitalismo é apenas o lucro.

## Notícias Libertárias

O **Centro de Contrainformação e Material Anarquista (CCMA)** é um veículo de mídia independente e sem censuras feito por anarquistas. Possui um acervo virtual de obras anarquistas completas, textos, imagens, vídeos entre outras coisas. O portal ainda é atualizado todos os dias sempre com novas informações tanto de notícias anarquistas quanto de movimentos sociais. É um espaço para a construção de alternativas de organizações libertárias, contatos, notícias, informações e tudo mais o que é importante para a construção de um mundo livre, igualitário, fraterno, justo e solidário. Nele a sua participação é de extrema importância, pois você pode adicionar as suas notícias, textos, informações, links, fotos...etc. Não deixem de visitar e divulgar o CCMA - [www.anarquismo.org](http://www.anarquismo.org). O endereço do CCMA é CP 665; CEP 01059-970; São Paulo/SP. Este também é o endereço do Coletivo de (Re)Ação Libertária (CRL), que edita o informativo *Manifesto Acrata*.

**I Fórum Libertário do Araguaia-Tocantins:** Acontecerá nos dias 05, 06, 07 e 08 de setembro, em Imperatriz (MA). Infos da programação: [reginaldofernandes@ieg.com.br](mailto:reginaldofernandes@ieg.com.br)

**Coletivo Alternativa Verde:** O novo endereço postal do CAVE é: Caixa Postal 11; Santos/SP; CEP 11010-010.

**Centro de Cultura Social:** O CCS funciona agora na Rua Dr. Vila Nova, 81, Sala 41, Vila Buarque, São Paulo (SP). Fone: 11-33620663. E-mail: [ccsp@uol.com.br](mailto:ccsp@uol.com.br). Entre em contato e peça sua programação de atividades libertárias, que sempre acontecem aos sábados, a partir das 16 horas.

**Mais um espaço libertário em São Paulo:** Será inaugurado no dia 08 de setembro a casa do **Movimento Ambientalista Revolucionário (MAR)**, com sarau de poesias, música, exposições artísticas, coquetel vegan, debates e vídeos. Mais infos: [mm\\_a\\_r@hotmail.com](mailto:mm_a_r@hotmail.com)

**ICAL:** O Instituto de Cultura e Ação Libertária (ICAL), que funcionava na Vila Mariana, fechou as portas, pelos altos custos do aluguel. Mas abrirá em outro endereço. Fiquem ligados!

**Coletivo Anomia:** É um grupo libertário novo de Santa Cruz do Sul (RS). Eles vêm com regularidade divulgando as idéias anarquistas na cidade, através de panfletagens. Contato: [protesto-livre@bol.com.br](mailto:protesto-livre@bol.com.br).

**Turquia:** No dia 25 de julho, depois de um julgamento, foram soltos os 5 anarquistas de Usak, que estavam presos há meses, acusados de distribuírem material subversivo. Cerca de 30 anarquistas compareceram ao julgamento, em solidariedade aos compas. Noam Chomsky participou da campanha pela soltura destes jovens libertários, enviando cartas para o presidente turco.

**Sacco & Vanzetti:** Acontecerá em Nova York, nos dias 22 e 23 de agosto, no 75º aniversário da execução de Sacco e Vanzetti, um evento em recordação a esses anarquistas italianos, assassinados pelo Estado norte-americano. No dia 22, rolou o simpósio "Sacco e Vanzetti e as lutas atuais". No dia 23 uma passeata até o memorial em homenagem a Sacco e Vanzetti.

**Renovando a tradição anarquista:** De 15 a 18 de agosto será promovido no Instituto de Ecologia Social de Vermont, pelo terceiro ano consecutivo, este evento, que busca discutir, arejar as idéias libertárias. Mais infos: [www.social-ecology.org](http://www.social-ecology.org).

ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: CELIP/VIDEO, CP 15001. CEP 20155-970. RIO/RJ \* LETRALIVRE, CP 50083. CEP 20062-970. RIO/RJ \* RUPTURA/LEL, CP 4071. CEP 20001-970. RIO/RJ \* CCS/SP, CP 2066. CEP 01060-970. SÃO PAULO/SP \* ANA, CP 78. CEP 11525-970. CUBATÃO/SP \* MLPL, CP 146. CEP 40001-970. SALVADOR/BA \* APPL, CP 053. CEP 40001-970. SALVADOR/BA \* NUELCA, CP 14. CEP 48000-970. ALAGOINHAS/BA \* ULBS, CP 2137. CEP 11060-970. SANTOS/SP \* FCL, CP 10.115. CEP 58109-970. CAMPINA GRANDE/PB \* JULI, CP 308. CEP 95001-970. CAXIAS DO SUL/RS \* ORL, CP 1278. CEP 66017-970. BELEM/PA \* MAP/BA, CP 185. CEP 40001-970. SALVADOR/BA \* FAG, CP 5036. CEP 90041-970. PORTO ALEGRE/RS \* CLG, CP 5191. CEP 74021-970. GOIÂNIA/GO \* RP-SP, CP 1020. CEP 08741-970. MOGI DAS CRUZES/SP \* FACA, CP 1206. CEP 66017-970. BELEM/PA \* AÇÃO ESTUDANTIL, CP 1000. CEP 78005-970. CUIABÁ/MT \* RP-RJ, CP 15001. CEP 20155-970. RIO/RJ \* LUTA LIBERTÁRIA, CP 11.639. CEP 05059-970. SÃO PAULO/SP \* CNA, CP 294. CEP 01059-970. SP/SP \* CONLUT, CP 768. CEP 13001-970. CAMPINAS/SP \* FL, CP 951. CEP 69010-970. MANAUS/AM \* GIEPS, CP 584. CEP 14801-970. ARAQUARA/SP \* LIBELUTA, CP 1062. CEP 88330-970. CAMBORIÚ/SC \* OPUSCULO LIBERTÁRIO, CP 15. CEP 11401-970. GUARUJÁ/SP \* AFIM, CP 2744. CEP 59022-970. NATAL/RN

... ANDRE MID